

MAN
DRA
GORA

ARTIGOS

A condição da mulher no fundamentalismo:

reflexões transdisciplinares sobre
a relação entre o fundamentalismo
religioso e as questões de gênero

*Ricardo Quadros Gouvêa**

RESUMO

Este ensaio propõe levantar a questão da relação entre o fundamentalismo e as questões de gênero. A hipótese central é de que há uma inerente incompatibilidade entre as tendências fundamentalistas e a emancipação feminina. A partir de uma abordagem transdisciplinar, caminhamos de uma perspectiva filosófica para uma perspectiva científica que não se limita a apresentar documentos, mas investiga testemunhos, notadamente aqueles que surgem no contexto das artes enquanto cristalização de sentimentos e percepções culturais gerais, com a finalidade de verificar e refletir também sobre as conseqüências psicológicas e sociológicas desta relação, bem como encontrar indícios que talvez ajudem a explicar por que mulheres, dentro dos ambientes fundamentalistas, tendem a abrir mão da luta por seus direitos e conquistas socioculturais.

Palavras-chave: Fundamentalismo – Questões de gênero – Religião e literatura – Nathaniel Hawthorne – Marjane Satrapi.

**The condition of women in
fundamentalism:
transdisciplinary reflections regarding the
relation between religious fundamentalism
and gender issues**

ABSTRACT

This essay propounds to bring up the question of the relation between fundamentalism

* Doutor em Estudos Históricos e Teológicos, doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo e professor do programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

and gender issues. The central hypothesis is that there is an inherent incompatibility between fundamentalist tendencies and women's emancipation. Departing from a transdisciplinary approach we advance from a philosophical perspective towards a scientific perspective that does not limit itself to offer documentation, but investigates testimonies, notably those appearing in the context of the arts *qua* crystallization of general, cultural sentiments and perceptions, with the end of verifying and reflecting on the psychological and social consequences of this relation and also finding indications that may help to explain why women, within fundamentalist environments, tend to give up the fight for their rights and socio-cultural conquests.

Keywords: Fundamentalism – Gender issues – Religion and literature – Nathaniel Hawthorne – Marjane Satrapi.

**La condición de la mujer
en el fundamentalismo:
reflexiones transdisciplinares acerca de la
relación entre el fundamentalismo religioso
y las cuestiones de género**

RESUMEN

Este ensayo propone levantar la cuestión de la relación entre el fundamentalismo y las cuestiones de género. La hipótesis central es la de que hay una inherente incompatibilidad entre las tendencias fundamentalistas y la emancipación femenina. A partir de un abordaje transdisciplinar, caminamos de una perspectiva filosófica para una perspectiva científica que no se limita a presentar documentos, pero que investiga testimonios, notadamente aquellos que surgen en el contexto de las artes en cuanto cristalización de sentimientos y percepciones culturales generales, con la finalidad de verificar y reflejar también acerca de las consecuencias psicológicas y sociológicas de esta relación, bien como encontrar indicaciones que quizá ayuden a explicar porque mujeres, dentro de los ambientes fundamentalistas, tienden a dejar

de luchar por sus derechos y conquistas socioculturales.

Palabras clave: Fundamentalismo – Cuestiones de género – Religión y literatura – Nathaniel Hawthorne – Marjane Satrapi.

Introdução

Este ensaio pretende promover o debate, bem como lançar luzes, sobre a questão dos fundamentalismos religiosos¹ e sua relação negativa intrínseca com o movimento de emancipação das mulheres e seus direitos civis, questão importante e urgente para os estudos contemporâneos sobre religiões dentro do quadro sociopolítico contemporâneo. O assunto em si não é novo, a saber, a relação entre fundamentalismo e questões de gênero². Entretanto, há poucos estudos acadêmicos no Brasil sobre o tema, e pretendemos avançar em direção a uma pergunta um pouco mais precisa. Levantamos aqui a seguinte pergunta: há evidências suficientes para se afirmar que, de um modo geral, o fundamentalismo é, por natureza, patriarcal e misógino e, conseqüentemente, inimigo das mulheres que lutam pelos direitos e pela emancipação das mulheres? Se chegarmos à conclusão de que esta pergunta deve ser respondida afirmativamente, o que fica estabelecido como hipótese, fica claro que não se deve imaginar a possibilidade de que tendências fundamentalistas possam conviver com preocupações feministas, ou melhor, com preocupações sociopolíticas e culturais que sejam do interesse das mulheres *qua* grupo social. Contudo, mais que isso, deveremos concluir que se trata de um forte indício (na verdade, determinante, tal sua importância, uma vez que estamos falando da maior revolução sociocultural da modernidade) da inerente incompatibilidade do fundamentalismo com os paradigmas sociopolíticos e culturais contemporâneos.

A questão proposta gira, portanto, em torno de uma intuição importante, e poderíamos até mesmo dizer que é uma opinião ou crença bastante disseminada, porém raras vezes tratada academicamen-

te. Na verdade, talvez devêssemos acrescentar que os próprios fundamentalistas mais epistemológica e sociologicamente conscientes não tendem a negar a incompatibilidade do *ethos* moderno com seus pressupostos ontológico-epistêmicos, bem como com suas posturas éticas e políticas³. É muito importante, apesar disso, trazer esclarecimento acerca desse assunto a partir de uma perspectiva científica e acadêmica, e é apenas dessa forma que este ensaio pretende modestamente auxiliar os estudiosos das religiões, particularmente aqueles que lidam com temas ligados aos fundamentalismos e às questões de gênero.

Cabe-nos apenas, portanto, dentro dos limites da cientificidade contemporânea, verificar se há, de fato, um antagonismo incontornável entre o discurso fundamentalista e o discurso sociocultural contemporâneo, particularmente no que se refere às questões de gênero, e demonstrar, dessa forma, se o fundamentalismo é compatível ou não com os paradigmas contemporâneos, não só de organização social, mas também de religiosidade.

Cabe-nos também investigar as conseqüências psicológicas e sociais desta relação entre questões de gênero e fundamentalismos, com a finalidade de perceber elementos que ajudem a identificar por que, em meios fundamentalistas, as mulheres tendem muitas vezes a abrir mão de uma luta por direitos e conquistas socioculturais.

Trabalhamos a questão a partir de uma abordagem transdisciplinar e multiperspectival, de acordo com o que acreditamos ser, com base no que há de mais atual na teoria geral das ciências humanas⁴, não apenas uma possibilidade, mas uma necessidade no âmbito das pesquisas e ensaios em ciências humanas e sociais em geral e das ciências das religiões em particular.

Filosofia do fundamentalismo: importância, definição conceitual e origens intelectuais

Quase ninguém hoje questiona a importância e urgência de estudar e compreender o fenômeno religioso contemporâneo ao qual damos o nome

¹ Não está claro se devemos falar de um único fundamentalismo ou de muitos fundamentalismos em conflito. Confira, por exemplo, Ali (2002). Confira também Partridge (2001).

² Há muitos textos sobre o assunto, e destacamos aqui o fundamental Bendorth (1993).

³ Confira Packer (1988). Confira também Marty; Appleby (1993, p. 13ss).

⁴ Confira Godoi; Bandeira-de-Mello; Silva (2007). Confira também Nicolescu (1999).

de fundamentalismo⁵. Ele é responsável, em grande parte, pelo retorno da religião às primeiras páginas dos jornais, seja pelos atentados terroristas, pela teologia pública de grupos conservadores na sociedade norte-americana, ou ainda pelas apreensões dos intelectuais ante a ascensão de Bento XVI ao papado etc. Apesar disso, parece-nos que a pesquisa sobre o fundamentalismo é ainda bastante incipiente no Brasil e no mundo. Faltam conceituações mais definitivas. Há muitas perguntas a serem respondidas. Devemos falar em fundamentalismo ou em fundamentalismos? Ou seria melhor falar em níveis ou graus de fundamentalismo, e de tendências fundamentalistas presentes em toda forma de religiosidade⁶?

Há quem fale do fundamentalismo sempre utilizando como referências movimentos, Igrejas e denominações cristãs que utilizaram esse rótulo em algum momento. A partir desse pressuposto, alguns chegam a sugerir que o movimento fundamentalista acabou, ou que está em declínio. A natureza falaciosa dessa afirmação está no fato de se confundir o declínio da prática do uso da nomenclatura com o declínio da forma específica de religiosidade a que a nomenclatura se refere. O declínio no uso da nomenclatura por parte de grupos específicos deve-se ao fato de ter crescido a rejeição ao qualificativo, sendo que ninguém mais quer se associar a uma terminologia com carga semântica tão negativa. O termo tornou-se popularmente pejorativo apenas em tempos recentes, talvez em virtude do fundamentalismo islâmico. Contudo, o fato de os cristãos evangélicos não desejarem mais ser rotulados de fundamentalistas (o que não acontecia até a década de 1980, quando o rótulo era muitas vezes bem-vindo e motivo de orgulho) não significa que as tendências fundamentalistas não estejam mais presentes entre evangélicos. Muito pelo contrário, há muitas denominações protestantes que estão caminhando com rapidez em direção de uma postura francamente fundamentalista, ainda que o termo seja rechaçado em favor de outros mais eufemísticos e menos pejorativos.

Pensamos que, para fins de pesquisa científica, seja mais adequado falar do fundamentalismo como uma atitude religiosa que atravessa categorias formais de religião e de crença, que atravessa fronteiras institucionais, manifestando-se de diferentes formas em diferentes religiões mundiais, bem como em denominações cristãs⁷. Cabe ao pesquisador identificar, portanto, quais são as características marcantes que distinguem a religiosidade fundamentalista de diferentes formas de experiência e prática religiosa.

Em *A piedade pervertida*, apontamos para o que chamamos de “os três pilares do fundamentalismo”: o sectarismo, o legalismo e o dogmatismo (2005, p. 39ss). Acreditamos ter aqui elementos de uma fenomenologia da religiosidade fundamentalista que nos ajuda na intuição da essência do fundamentalismo enquanto construção social. Estes três elementos da religiosidade fundamentalista estão imbricados uns nos outros de forma indissolúvel, num processo de constante retroalimentação.

Entretanto, talvez seja possível identificar o início e o fim da meada desta complexidade no sectarismo, que nasce de duas fontes paralelas: nasce inicialmente do sentimento apocalíptico de que a modernidade representa o colapso de uma visão de mundo (cosmovisão) e um sentimento de mundo (*Weltanschauung*) a partir dos quais (e somente a partir dos quais) esse tipo específico de religiosidade é possível. No caso do cristianismo, trata-se de uma concepção pré-moderna que não se coaduna com o mundo moderno e que não se sustenta senão em franca oposição a ele⁸.

Em segundo lugar, nasce do medo natural causado pela sensação de exclusão cultural, ante a cultura contemporânea, que gera um recrudescimento de posturas teóricas, bem como um sentimento de inferioridade que acaba por produzir um sentimento inverso de superioridade, fazendo com que os integrantes dos fundamentalismos, enquanto movimentos de tendências sectárias, considerem-se portadores de uma eleição que exclui a maioria

⁵ Há uma crescente literatura em português sobre o assunto. Poderíamos destacar, por exemplo, Dreher (2002). E também Boni (1995). E por fim, Oro (1996).

⁶ Esta é a tese, por exemplo, de Inglehart (1997).

⁷ Confira Armstrong (2001).

⁸ Confira Queiruga (2003).

das pessoas, e de uma verdade revelada que só pode ser compreendida e aceita pelos eleitos⁹.

O sectarismo alimenta o legalismo, isto é, propostas rígidas de conduta que, por um lado, visam, consciente ou inconscientemente, gerar sentimentos de pertença e de identidade e, por outro, facilitar, por intermédio da uniformização, o controle das pessoas por meio dos líderes. O legalismo acaba por retroalimentar o sectarismo. O dogmatismo é o engessamento das doutrinas, impedindo o questionamento das idéias que sustentam a posição sectária e o decorrente legalismo, promovendo um ambiente insulado e um encapsulamento do grupo, impedindo, pela inflexibilidade, o diálogo com a sociedade e a cultura em geral, retroalimentando o sectarismo.

Há, no entanto, uma contradição intelectual no cerne do fundamentalismo que tem sido frequentemente negligenciada e que ajuda a entender o fenômeno em sua inerente complexidade. O fundamentalismo, ainda que se originando de uma reação à modernidade, utiliza-se de elementos dessa mesma modernidade para seu fortalecimento e sua perpetuação.

É possível discernir, na argumentação teórica dos discursos fundamentalistas cristãos, os liames típicos do racionalismo moderno cujo apogeu se deu no período da cultura europeia conhecido como Iluminismo, em seu sentido mais lato, do período da história da filosofia que se inicia ao redor de René Descartes e que chega ao seu final ao redor de Immanuel Kant. O conceito fundamental da filosofia racionalista, seja ela continental-intelectualista ou britânico-empirista, é a noção de que a racionalidade não é uma realidade inerente à natureza (concepção grega majoritária), nem mesmo quando esta racionalidade natural é personalizada na figura do “Deus dos filósofos” (concepção medieval), como acusava Blaise Pascal¹⁰, mas antes uma racionalidade inerente à mente humana. Esta idéia, ainda rudimentarmente presente no dualismo cartesiano da *res cogitans* em oposição à *res extensa*¹¹, torna-se explícita na crítica

transcendental kantiana: se há racionalidade no mundo é porque a mente humana a colocou lá, uma vez que nossas mentes trabalham a partir de uma estrutura racional inata que nos permite realizar juízos sintéticos *a priori*¹².

Sabemos que o kantismo daria rapidamente lugar às filosofias contemporâneas que, a partir de G. W. F. Hegel, abandonaram as concepções racionalistas da modernidade e, iniciando o processo de superação do projeto moderno, bem como a instalação da crise pós-moderna, propuseram uma nova forma de filosofar em que a racionalidade se origina e se encarna na história e na cultura humanas¹³. Mais tarde, esse mesmo movimento seria superado pela “virada lingüística”¹⁴, no século XX, uma mudança paradigmática (construção socio-cultural) a que o próprio ser humano do século XXI ainda está se adaptando com tremendas dificuldades intelectuais.

A virada lingüística permitiu o desmascaramento do fundamentalismo. Tornou-se possível compreender e circunscrever o discurso fundamentalista, discriminar sua coerência interna e traçar seu lócus dentro do quadro mais amplo e complexo da discursividade humana e da história intelectual. Evidenciou-se, então, a modernidade do fundamentalismo, sua ambição de mapear cartesianamente a teologia, dando-lhe uma aparência científica¹⁵. Esta é uma teologia analítica não mais calcada no mistério, mas na capacidade humana de estruturar, por meio de um quadro composto de inferências dedutivas fundadas na metafísica platônico-aristotélica¹⁶, um sistema doutrinário em que o atributo ou qualificativo de fundamento pode ser compartilhado por todos os elementos do sistema, erguendo o sistema inteiro à categoria de fundamento. Tal construção teórica promove no observador uma experiência intelectual de forte apelo estético paralelo à ilusão de segurança causada por um sistema que se mostra confiável à mente humana funcionando no paradigma moder-

⁹ Esta é uma das teses de Armstrong (2001) em seu livro *Em nome de Deus*, supracitado.

¹⁰ Confira Pondé (2004).

¹¹ Confira Sorell (2004, p. 34ss).

¹² Confira Kant (2002).

¹³ Confira Hegel (2007).

¹⁴ Confira Rorty (1992).

¹⁵ Confira, por exemplo, Marsden (1996). Confira também Bawer (1997).

¹⁶ Confira Hatch & Fairbairn (2003).

no, já que o sistema é construído a partir daquilo que a racionalidade moderna preconizou como racionalidade-em-si, em um momento lógico-ontológico que precede a autocrítica kantiana da razão que daria início ao colapso da modernidade.

A relação entre fundamentalismo e questões de gênero

Não há novidade em afirmar que a cultura humana, em geral, e as grandes religiões mundiais, em particular, têm sido historicamente patriarcais e opressoras das mulheres. Os fundamentalismos contemporâneos somente dão continuidade a estas práticas. Podemos perguntar, no entanto, o que faz com que o fundamentalismo não acompanhe os processos naturais de acomodação à modernidade que outras formas de religiosidade presentes nas diferentes tradições religiosas perpetraram com maior ou menor velocidade.

A rejeição da emancipação da mulher no fundamentalismo se dá por um fenômeno do dogmatismo, que é o engessamento teológico por extensão do conceito de fundamento. Para compreendermos esse fenômeno intelectual, índice de uma religiosidade neurótica, precisamos reconhecer que todo pensamento sistemático possui fundamentos. Nada há de equivocado nisso. Pelo contrário, parece ser uma característica inevitável do pensamento racional. A diferença é que os fundamentos podem ser tidos como dogmas invioláveis e inquestionáveis ou como postulados que aceitamos em nome da possibilidade da racionalidade, mas que podem e devem passar por revisões periódicas num processo de autocrítica em nome da boa qualidade do próprio sistema de pensamento. A maioria dos construtos teóricos de natureza religiosa tende a partir de fundamentos fortemente protegidos da crítica e da autocrítica, aos quais chamamos “dogmas”. No fundamentalismo há um elemento epistêmico adicional: a qualidade ou o atributo de fundamento tende a se transferir dos dogmas fundamentais para as doutrinas secundárias, construídas a partir de inferências dedutivas segundo os ditames da lógica formal aristotélica. Esta transferência da qualidade de fundamento atinge, por fim, até mesmo as

capilaridades que definem e fortalecem as rígidas propostas de conduta do legalismo fundamentalista. Além disso, a transferência de uma doutrina para outra, no contexto teórico da qualidade ou atributo de fundamento, afeta a relação das comunidades com a sociedade e a cultura em que estas estão inseridas, gerando e fortalecendo o elemento sectarista que também caracteriza e define a postura fundamentalista.

O sectarismo, por outro lado, impede que o discurso religioso fundamentalista seja modificado por meio de um diálogo com outros discursos socioculturais. Daí que a sociedade contemporânea, claramente caminhando em direção à rejeição dos ditames do patriarcalismo, que há milhares de anos vem oprimindo as mulheres em geral, construção sociocultural que já não se sustenta diante dos avanços da crítica advinda das ciências humanas e sociais e da filosofia contemporânea, vê-se na obrigação de estranhar o discurso fundamentalista, exigindo uma demonstração científica de sua incompatibilidade com os padrões intelectuais e socioculturais contemporâneos. E não há, na verdade, muito mais que o filósofo ou cientista social (*qua* filósofo e *qua* cientista social) possa fazer a respeito do assunto, sob o risco de se ver para além dos limites da cientificidade contemporânea, por mais largos que sejam esses limites em termos epistêmicos e metodológicos, isto é, sob o risco de ver seu discurso rotulado de ideológico e retórico, em defesa de uma postura subjetiva antifundamentalista baseada em crenças que não podem ser claramente justificadas cientificamente. O filósofo e o cientista social precisam, portanto, traçar os limites de sua esfera de competência (de novo, *qua* filósofo e *qua* cientista social). Em nosso caso, isso nos leva a tentar apenas demonstrar que o fundamentalismo é incompatível com os paradigmas contemporâneos de organização social e de religiosidade.

Enquanto a sociedade contemporânea reconhece a opressão da mulher na construção social do modelo patriarcal e recebe majoritariamente a emancipação feminina, fruto do movimento feminista do século XX e maior revolução sociocultural dos últimos séculos (para não dizer dos últimos milênios), o discurso fundamentalista continua hoje

a recomendar e sustentar o patriarcalismo, rejeitando o feminismo e a emancipação feminina como malignos e maléficos para a sociedade humana, negando à mulher o direito à ordenação ao ofício em instituições religiosas, o direito a realizar-se profissionalmente e, em alguns casos extremos, até mesmo o direito ao estudo universitário profissionalizante, rejeitando o divórcio como alternativa lícita para a busca da felicidade e realização pessoal, e propondo que a felicidade das mulheres, mesmo na sociedade contemporânea, está em aceitar a condição de esposas e de mães (entenda-se, mães casadas), e de auxiliares dos homens, sempre submissas e sujeitas a eles, posicionamento supostamente defensável a partir de citações bíblicas segundo o modelo atomístico do pinçamento de textos-prova (*dicta probanda*), modelo este já há muito tempo condenado pela teologia bíblica e pela teologia exegética¹⁷.

Os teólogos fundamentalistas, cientes disso, e cientes de que tais formas de utilização da Bíblia a humilham enquanto texto escriturístico, tornando-a refém do sistema de teologia e da retórica teológica, ainda assim as praticam, o que evidencia uma intenção de defender a ideologia a qualquer preço, mesmo caindo na evidente hipocrisia de, por um lado, glorificar a Bíblia, com qualificativos tais como aqueles que apontam para sua infalibilidade e inerrância e, por outro, ao mesmo tempo humilhá-la com práticas exegéticas que tornam o texto bíblico escravo de um sistema teológico viado por uma ideologia contrária aos interesses de pelo menos 50% da espécie humana¹⁸.

Evidências documentais da opressão de gênero em ambientes fundamentalistas

Cabe aqui ressaltar a importância da busca de evidências documentais da opressão de gênero fundada na religiosidade em ambientes culturais

fundamentalistas para a pesquisa científica do fundamentalismo enquanto fenômeno religioso sociocultural. Contudo, não é pretensão deste ensaio realizar essa busca. Não se trata aqui de realizar esta pesquisa, mas de apontar para essa possibilidade. Na verdade, essa pesquisa documental já tem sido feita, ainda que em escala reduzida, com achados que comprovam a relação entre o fundamentalismo e a negação dos direitos da mulher e sua emancipação sociocultural.

Damos a seguir apenas um exemplo de como é possível verificar, por meio de estudo documental, a existência do fundamentalismo nas instituições religiosas contemporâneas. Aproveitamos aqui os resultados da pesquisa de Robson da Costa de Souza, sob a orientação de Sandra Duarte de Souza. Robson Souza faz referência a documentos recentes de uma denominação evangélica que vive hoje sob o impacto do fundamentalismo que caracterizam o movimento de emancipação da mulher de “filosofia mundana”, de movimento “maldito”, e afirmam ser o “feminismo” algo “contrário às Escrituras” (CE-SC/IPB – Doc. 129, 2005).

Com efeito, como nos lembra Robson Souza em seu trabalho, Eliane Moura Silva afirma que “os inimigos mais temidos e vigorosamente atacados pelos fundamentalistas são o feminismo e a emancipação da mulher” (2006, p. 18). Isso se dá porque, como ensina Manuel Castells, o fundamentalismo é um instrumento ideológico de reafirmação do patriarcalismo (1999, p. 39ss).

Na verdade, o patriarcalismo está presente no próprio texto bíblico, ainda que em meio a muitas ambigüidades, assim como está presente também no Alcorão, já que estes textos religiosos fundantes foram produzidos em um contexto cultural patriarcal. Não há como negar a natureza patriarcal da Bíblia ou do Alcorão, ainda que estes textos também contenham, paradoxalmente, várias passagens libertárias que parecem favorecer a causa dos direitos das mulheres e da emancipação feminina, e que seja possível defender a tese de que, em seus princípios gerais, esses textos sagrados são essencialmente libertadores e humanizadores, em particular quando são lidos contra o pano de fundo dos contextos socioculturais em que surgiram,

¹⁷ Confira, por exemplo, Hasel (2007).

¹⁸ Para um dos primeiros livros de teologia feminista que estabelece este novo caminho, a partir do paradigma da teologia política de Jürgen Moltmann e de Johann Baptist Metz, e em paralelo ao desenvolvimento das teologias da libertação na América Latina e da teologia negra, confira Russell (1974).

contextos estes muito menos favoráveis às mulheres e aos oprimidos em geral¹⁹.

Como os textos sagrados são lidos pelos fundamentalistas a partir de uma hermenêutica que privilegia o literalismo e que, a partir de uma ilusão causada pela doutrina da inerrância das Escrituras, dá o passo epistemologicamente inválido de considerar cada versículo da Bíblia igualmente importante e autoritativo, sem que os intérpretes levem em consideração as questões ligadas à historicidade e aos contextos, além de terem a tendência a ignorar a irrelevância de elementos culturais em face dos grandes princípios universais que os textos apresentam, nivelando assim todos os versículos, qualquer questionamento dos elementos patriarcais presentes nos textos é, conseqüentemente, visto como herético ou blasfemo²⁰.

Todavia, ter somente os documentos em mãos não basta quando o objetivo das pesquisas é chegar às camadas mais profundas da discursividade humana e das ações sociais e culturais. Para isso, é fundamental que avancemos em direção aos testemunhos. Contudo, acreditamos que os testemunhos só têm algum propósito, do ponto de vista metodológico, depois que as relações estão evidenciadas documentalmente. Com os documentos em mãos, faz sentido partirmos para testemunhos, e não antes disso.

Testemunhos literários da opressão de gênero fundada na religiosidade

Passemos agora a discutir, portanto, a importância de testemunhos literários da opressão de gênero fundada na religiosidade. O testemunho literário não possui energia própria enquanto ferramenta científica de análise. Logo, não é condizente com os princípios de cientificidade do projeto moderno que, no que se refere à ciência, recebe o nome de positivismo. Contudo, em uma perspectiva contemporânea, uma vez que o trabalho conjectural e a evidência documental mostram-se eficazes, o testemunho literário é uma abordagem que traz solidez ímpar ao projeto sintético multiperspectival e transdisciplinar.

Não acreditamos, portanto, que a mera evidência documental represente uma demonstração suficientemente forte do fundamentalismo enquanto incompatível com o paradigma sociocultural contemporâneo. Para a realização desse objetivo, é necessário ir mais além, em direção ao testemunho pessoal. Há várias formas pelas quais é possível atingir a dimensão do testemunho pessoal: observação etnográfica, entrevistas de pesquisa qualitativa e/ou pesquisa fenomenológica. Acredito, todavia, que é no estudo das expressões literárias e artísticas de religiosidade e contra-religiosidade que encontramos o caminho da corroboração da incompatibilidade do fundamentalismo com o paradigma sociocultural contemporâneo, particularmente quando essas expressões artísticas são elementos da auto-expressão de sensibilidades humanas afetadas pelo fundamentalismo.

Um testemunho literário clássico:

A letra escarlate

Remetemo-nos, portanto, a um clássico incontestado da literatura universal, *A letra escarlate*, obra-prima de Nathaniel Hawthorne (1804-1864), um dos mais importantes autores da literatura norte-americana²¹. A importância deste documento para a questão da relação entre fundamentalismo religioso e as questões de gênero não poderia nunca ser exagerada. É possível que estejamos aqui diante do documento literário mais significativo sobre o assunto de toda a história da cultura humana.

Evidentemente, o texto também tem limitações, no que se refere à sua utilidade nessa pesquisa, uma vez que o texto refere-se a um ambiente sociocultural distinto do ambiente contemporâneo e a uma época em que o fundamentalismo ainda não existia propriamente, apesar dos muitos elementos comuns que podem ser traçados entre o tipo de religiosidade a que chamamos hoje de "fundamentalista" e o tipo de religiosidade puritana que Hawthorne descreve em sua obra e denuncia como psicológica e sociologicamente perniciosa.

A letra escarlate narra a história de Hester Prynne, que engravida na ausência do marido,

¹⁹ Para uma discussão mais ampla, confira Russell (1985).

²⁰ Confira, por exemplo, Spong (1991).

²¹ Hawthorne (2006).

médico e acadêmico, que adota na história o falso nome de Roger Chillingworth. Hester é condenada a ficar várias horas em pé no patíbulo com uma letra vermelha "A" cerzida em suas roupas, não apenas ali, mas também pelos meses que passaria na cadeia, e para o resto de seus dias. Torna-se uma pária da sociedade, vivendo em uma casa afastada, ganhando a vida como costureira. Na verdade, salvou-se da pena de morte e de ter a letra "A" marcada a ferro em seu peito graças aos apelos do pastor, rev. Arthur Dimmesdale, que, sem que ninguém o soubesse, era o pai da criança. Hester sempre se recusou a dizer quem era o pai da criança. Ela, aos poucos, fica afamada não apenas como adúltera, mas também pela qualidade de seus trabalhos manuais e também por sua caridade e gentileza para com todos, em particular para com os menos afortunados. Sua tragédia pessoal parece ter despertado nela um forte sentimento de bondade e compaixão universal.

O marido de Hester reaparece depois de ter sido vítima de um naufrágio e ter permanecido algum tempo entre os índios. Ele começa a desconfiar que Dimmesdale, o pastor, é o pai de Pearl, a filha de sua esposa, isso devido às suas angústias e peso na consciência, que o levam inclusive às enfermidades físicas. O livro é ambíguo quanto aos motivos mais profundos de sua angústia, se simplesmente por ter cometido adultério ou por não ter confessado e assumido, juntamente com Hester, o ônus de seus atos. No primeiro caso, teríamos o típico caso de legalismo fundamentalista; no segundo, as marcas de uma genuína espiritualidade cristã, como explicaremos abaixo.

Chillingworth assume gradativamente a figura satânica do acusador, alimentando os remorsos de Dimmesdale, que certa noite sobe voluntariamente o patíbulo e ali se encontra com Hester, com quem se desculpa e assume a paternidade de Pearl. Pouco depois, Hester conta a Dimmesdale que Chillingworth é seu marido, e sugere a ele que se afaste de sua nefasta influência. Por fim, ambos decidem fugir juntos de Boston para a Europa. No dia festivo das eleições, Dimmesdale coloca-se ao lado de Hester e Pearl após o culto e dirige-se à multidão e, quase desmaiando, confessa seu amor e seu adultério. Antes de morrer ali mesmo, ele

rasga suas vestes sacerdotais e, segundo contaram posteriormente as testemunhas, havia uma marca vermelha em seu peito, rasgada em sua carne, na forma de um "A".

Chillingworth também morre depois de um ano, deixando sua fortuna para Pearl. Hester volta à sua vida como costureira, sem nunca deixar de usar a letra escarlate em seu peito. Só que o "A" em seu peito, para muitas pessoas que a veneravam e reverenciavam, significava agora, não "adúltera", mas "hábil" (em inglês *able*) e "amorosa".

O tema central do livro é o efeito social e psicológico do pecado. O autor escreveu toda sua obra literária sob o estigma das ações brutais de seus ancestrais que presidiram os tribunais na caça às bruxas de Salém. Hawthorne mantém, entretanto, a ambigüidade que tornou este livro um clássico que jamais deixou de ser impresso e que sempre figura nas listas dos principais romances norte-americanos: quem pecou contra quem? Foi Hester quem pecou ou foi contra ela que pecaram, no ambiente legalista e hipócrita do puritanismo dos primeiros séculos de Boston, em que enxergamos todas as características da religiosidade fundamentalista de nossos dias, a começar pela misoginia? Hester é vítima do sectarismo, pois é obrigada a viver afastada do convívio social normal. É vítima do legalismo, pois lhe é imposta uma disciplina exemplarista exagerada e cruel. Também é vítima do dogmatismo, quando ameaçam tirar Pearl de sua custódia por ela se recusar a decorar o catecismo.

Hawthorne denuncia, portanto, o moralismo hipócrita e o patriarcalismo misógino de uma sociedade dominada por uma forma neurótica de religiosidade cujo dogmatismo é marcado pelo determinismo racionalista e por uma hamartologia infantil e sem profundidade. Trata-se do mesmo tipo de neurose religiosa que ainda alimenta o dogmatismo, o legalismo e o sectarismo dos fundamentalistas evangélicos contemporâneos.

As concepções puritanas e fundamentalistas de pecado estão equivocadas por serem, deterministicamente, qualquer ato pecaminoso como evidência da corrupção espiritual do pecador, e até mesmo indício de sua condenação preestabelecida. Como explica Paul Tillich (juntamente com a

maioria dos grandes teólogos contemporâneos), o pecado é mais um estado de alma do que um ato ou atos específicos que alguém venha a praticar. O estado de alma pecaminoso é o da separação, ou da alienação, isto é, uma separação de Deus, uma separação do próximo, e uma separação de meu próprio eu enquanto pessoa. Essa alienação não precisa ser ameaçada pela condenação ao inferno, pois ela mesma já é o inferno²². Só venço meu estado de alma pecaminoso (o que pode ou não ser possível somente pela ação sobrenatural de Deus em mim) na medida em que me aproximo de mim mesmo, numa busca de autoconhecimento, em que busco também conhecer e ter empatia com meus próximos e, por fim, em que busco uma síntese com a totalidade e com aquilo que a transcende, isto é, com o divino em sua mais profunda paradoxalidade e incompreensibilidade.

Reconciliada com sua condição de pecadora, Hester reconcilia-se com seus próximos e torna-se capaz de viver o amor divino. Agora ela ministra aos humildes e estes reconhecem que seu “A” simboliza suas habilidades e seu espírito amoroso. Já Dimmesdale, o prestigiado líder religioso, e Chillingworth, o respeitado médico, não conseguem abandonar o egocentrismo que os domina. Este último permanece tomado pelo orgulho ferido e o sentimento de vingança, que o leva a praticar crueldades. Dimmesdale permanece tomado pelo sentimento de culpa, não consegue se perdoar nem tampouco aceitar o perdão divino; não conseguindo se reconciliar com sua condição de pecador, definha na angústia de sua condição hipócrita e covarde. Hester, ao contrário, cuja culpa é notória, cresce espiritualmente em meio a seu sofrimento e torna-se uma mulher extraordinariamente compassiva e compreensiva, uma personalidade madura em paz com sua condição (inclusive de pecadora) e em paz com sua vida²³.

***Persépolis*, de Marjane Satrapi: um testemunho literário contemporâneo**

Deixando a literatura da cultura ocidental moderna em direção à literatura mundializada pós-moderna,

²² Confira Tillich (1957), esp. p. 44-58.

²³ Algumas fontes sobre Hawthorne e sua obra são: Reid et al. (1995). Harcourt (1960). Magill (1985). Einsiedel (1973). Wineapple (2004).

na, deparamo-nos com um importante documento literário: o premiado romance gráfico de Marjane Satrapi, *Persépolis*, sucesso de público e de crítica, já tido hoje como um clássico da arte sequencial²⁴. O livro foi ainda transformado em um longa-metragem de animação francês, em 2007, tendo sido premiado no prestigioso Festival de Cannes, e foi selecionado, em 2008, para concorrer nesta categoria específica ao *Oscar*, prêmio da Academia Americana de Cinema.

Em *Persépolis*, uma autobiografia, Satrapi nos conta suas aventuras como uma jovem iraniana em meio aos conflitos da adolescência e em meio aos conflitos sociopolíticos e religiosos de seu país. Satrapi nos conta como sua família, formada por muçulmanos de tendências libertárias e politicamente engajados, foi perseguida durante o regime do xá Rezah Pahlevi. Com a queda do xá, todos esperavam a formação de um governo democrático, mas o povo favoreceu um governo religioso e teocrático, de um islamismo xiita extremista de forte cunho fundamentalista. Os pais de Satrapi resolvem enviar a filha adolescente para estudar na Europa. Depois de sofrer com o choque cultural e o preconceito, Satrapi retorna ao Irã para conviver com as péssimas condições impostas às mulheres pela revolução muçulmana dos aiatolás.

O livro termina com uma segunda partida para a Europa, agora definitiva, de uma Satrapi mais madura que pretende fazer estudos de pós-graduação e tornar-se uma pessoa com uma missão: “fui até o túmulo do meu avô, prometi que ele se orgulharia de mim”. Sua nova postura não é explicitamente revelada, mas pode-se entendê-la como a difícil tarefa de andar sob o fio da navalha que divide o mundo decadente da cultura ocidental, materialista e hedonista, mantendo-se fiel às suas raízes culturais, por um lado, e, por outro, denunciando os abusos de um fundamentalismo islâmico que representou a ruína de sua família e de sua juventude.

O livro não representa uma postura antiislâmica, nem tampouco uma postura pró-Occidente. Muito ao contrário, Marjane Satrapi posiciona-se como crítica tanto do fundamentalismo islâmico que conheceu no Irã quanto do hedonismo e do niilismo que conheceu e no qual se engajou quando de sua primeira temporada na Europa. Em nenhum mo-

²⁴ Satrapi (2007).

mento Marjane rejeita sua condição de mulher muçulmana e iraniana, e pretende validar sua cultura e evidenciar o que ela tem de positivo e de civilizatório, em oposição a um Ocidente desmoralizado e decadente.

Esse fascinante depoimento nos interessa aqui particularmente pelo que tem a contar e comentar acerca da relação entre fundamentalismo islâmico e a condição social e psicológica da mulher nesse ambiente opressivo marcado pelo patriarcalismo e a misoginia. Marjane nos conta da hipocrisia sexista dos “burocratas barbados” do Irã, que insistem que as mulheres devem esconder sua atratividade sexual, mas negam que os homens também podem ser atraentes sexualmente para as mulheres e que, por coerência, também deveriam usar roupas e véus que escondessem esses atrativos. Marjane também condena uma sociedade que se recusa a oferecer às mulheres iguais condições de vida sociopolítica e de cidadania, segregando-as e oferecendo possibilidades de realização pessoal que se limitam às obrigações da vida familiar. Por fim, Marjane denuncia um policiamento agressivo que impede às mulheres o uso de maquiagem em público ou de se locomoverem no espaço público de qualquer forma que pareça tentadora aos homens.

Isso nos conduz ao interessante experimento que se mostra chave no encadeamento dos acontecimentos dentro da obra. Marjane encontra-se na rua, maquiada, e se vê amedrontada diante do aparecimento repentino da polícia comportamental. Ela sabe que pode apanhar dos policiais, ser presa, multada, ou até sofrer algo pior. Ela decide iniciar um experimento curioso. Dirige-se ao policial e afirma ter sido molestada por um homem sentado na calçada. A idéia é partir para o ataque e, dessa forma, safar-se de problemas com a polícia por causa da maquiagem. O homem lhe implora que negue a acusação, mas ela reitera o que havia afirmado aos policiais. O homem vai preso e ela é deixada em paz. Mais tarde, Marjane relata seu experimento à sua avó, pessoa que tanto admira, mulher estudada e livre, divorciada, que cresceu nos tempos anteriores à revolução cultural. Ela espera que sua avó ache tal experimento curioso e até mesmo engraçado, mas sua reação é bem diferente. Ela critica Marjane por não perceber o ele-

mento trágico por detrás do experimento, e por não perceber que ela havia capitulado diante do fundamentalismo, que havia se tornado ela mesma parte do sistema opressivo que não permitia mais às mulheres a plena cidadania e a liberdade anteriormente existente. A decepção de sua avó faz com que Marjane reveja seus conceitos, deixando de estar preocupada exclusivamente com sua condição enquanto mulher vivendo em um Irã dominado pelo fundamentalismo religioso, para se enxergar como pessoa humana diante de um sistema de pensamento religioso que condena os seres humanos a serem eles mesmos, por hábito, por interesse ou por coerção internalizada, parte do aparato coercitivo que legitima o sistema.

Marjane compreende a escuridão dentro da escuridão, o abismo que chama outro abismo, não mais a perda de suas liberdades comportamentais, mas a perda de sua liberdade de pensamento, já que ele passa a ser dominado pelo instinto de sobrevivência, e não mais inspirado por valores e princípios morais e religiosos²⁵. Em outras palavras, o fundamentalismo faz com que o espírito humano liberto e independente se veja como equívoco, insano e autodestrutivo. Esta tecnologia de lavagem cerebral, de formatação, este gerenciamento da mente e da formação intelectual, gera toda uma geração de pessoas alienadas de si mesmas e, conseqüentemente, alienadas do próximo e de Deus. Eis por que o fundamentalismo é uma forma perversa de religiosidade²⁶.

Além disso, o livro confirma o que já sabemos a partir de outras fontes: que o islamismo não precisa ser misógino nem fundamentalista. Há muitos países de maioria islâmica onde não reina a misoginia, e há muitos muçulmanos que condenam o fundamentalismo e, particularmente, este neofundamentalismo da violência e dos mártires, do obscurantismo cultural e da repressão social²⁷.

Os textos do Alcorão acerca da mulher e seu papel na sociedade são ambíguos e podem ser interpretados de formas bastante diferentes. Sabemos, por exem-

²⁵ Para dois testemunhos igualmente importantes e impactantes, confira Ayaan (2008); e Darwish (2007).

²⁶ Confirma o texto clássico de Alves (2005).

²⁷ Confirma Payne (1959) e também Boullata (1990).

plo, que o Alcorão parece afirmar que os maridos podem e devem bater em suas mulheres quando elas se mostrarem desobedientes a eles (*The Koran*, 1968, p. 356ss e 374ss). Muitos líderes muçulmanos advertem, entretanto, ainda que formando um grupo minoritário, contra uma leitura do Alcorão viciada pela falta de consciência histórica e cultural, sugerindo que ele nos oferece princípios que precisam ser adaptados a diferentes épocas e culturas, e que uma leitura oracular literal, indiferenciada e não-qualificada do Alcorão é um equívoco.

Além disso, está claro para alguns dos principais estudiosos ocidentais do Alcorão que o livro carece de ser estudado no contexto de sua produção histórica, estudo crítico que tem evidenciado variantes e problemas manuscritológicos que relativizam as certezas quanto ao sentido do texto²⁸. Evidentemente, todas essas afirmações são tidas como blasfêmias pelos fundamentalistas islâmicos. O mesmo acontece no cristianismo quanto aos estudos histórico-críticos e literários da Bíblia, que também são tidos como blasfêmia pelos fundamentalistas cristãos católicos e evangélicos.

Em suma, a história da formação da personalidade de Marjane Satrapi nos alerta para os efeitos psicológicos e sociais do fundamentalismo. Na verdade, creio que os próprios fundamentalistas não vejam isso como um problema. O fundamentalista reconhece que sua religiosidade é incompatível com as formas socioculturais do mundo contemporâneo, e enxerga as religiosidades não-fundamentalistas como equívocos e blasfêmias que levam à perda da alma. Segundo o típico pensamento fundamentalista, o melhor que pode acontecer à mulher é mesmo submeter-se aos ditames da rígida proposta de conduta determinada pelo legalismo fundamentalista, que tem a ver com formas sociais pré-cristãs e pré-islâmicas, formas sociais patriarcais e hierárquicas que nada têm a ver com a libertação pessoal e social proposta pela vida religiosa construtiva, como expressa tanto no Novo Testamento como no Alcorão quando interpretados a partir daquilo que é a essência de ambos os livros. Esta é uma espiritualidade centrada no abandono da alienação do indivíduo egocêntrico

e na busca de uma nova autoconsciência que implica a reconciliação consigo mesmo enquanto humano e pecador, a reconciliação com Deus enquanto amor e bondade, e cujo juízo é marcado indelevelmente pela misericórdia e, conseqüentemente, a reconciliação e aproximação com o próximo, em espírito de serviço e vocação e em compaixão por suas próprias angústias e dificuldades.

Conclusão

Concluimos que há, de fato, evidências suficientes para afirmar que o fundamentalismo é, por natureza, patriarcal e misógino, e que é, conseqüentemente, inimigo das mulheres que lutam por seus direitos e pela emancipação feminina. Pensamos, portanto, que isso acontece devido à própria natureza do pensamento fundamentalista. Em outras palavras, trata-se de uma conseqüência direta de sua própria essência enquanto fenômeno sociocultural. Isso significa que não é possível ao fundamentalismo mudar sua postura em relação às mulheres. Ele sempre será, por sua própria natureza, inimigo da emancipação feminina.

Concluimos também que a religiosidade fundamentalista provoca uma série de desvios psicológicos e sociais que prejudicam as pessoas e a sociedade em geral. Com isso em vista, podemos encontrar, no fundamentalismo, sistemas coercitivos internalizados que ajudam a explicar por que as mulheres, em ambientes fundamentalistas, tendem a abrir mão da luta por seus direitos e de suas conquistas socioculturais.

Cabe-nos apenas, portanto, dentro dos limites da cientificidade contemporânea, verificar o gritante antagonismo entre o discurso fundamentalista e o discurso sociocultural contemporâneo, particularmente no que se refere às questões de gênero, e demonstrar que o fundamentalismo é, portanto, incompatível com os paradigmas contemporâneos, não só de organização social, mas também de religiosidade. E foi isso que tentamos aqui evidenciar, com argumentação e justificativas coerentes com o padrão de cientificidade contemporânea transdisciplinar e multiperspectival, de acordo com o que acreditamos haver de melhor no âmbito da teoria geral das ciências humanas.

²⁸ Confira Warraq (1998).

Referências

- ALI, Tariq. *Confronto de fundamentalismos*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Loyola-Teológica, 2005.
- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- AYAAN, Hirsi Ali. *Infidel*. New York: Free Press, 2008.
- BAWER, Bruce. *Stealing Jesus: how fundamentalism betrays Christianity*. New York: Crown Publishers, 1997.
- BENDROTH, Margaret Lamberts. *Fundamentalism and gender: 1875 to the present*. New Haven: Yale University Press, 1993.
- BONI, Luis Alberto. *Fundamentalismo*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.
- BOULLATA, Issa J. *Trends and issues in contemporary Arab thought*. New York: State University of New York Press, 1990.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DARWISH, Nonie. *Now they call me infidel*. S.l., Sentinel Trade Publishers, 2007.
- DREHER, Martin Norberto. *Para entender o fundamentalismo*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- EINSIEDEL, Wolfgang. *História das literaturas universais*. Lisboa: Estampa, 1973. v. III.
- GODOI, Christiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa da (orgs.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2007.
- GOUVÊA, Ricardo Quadros. *A piedade pervertida: um manifesto antifundamentalista em nome de uma teologia de transformação*. São Paulo: Grapho, 2005.
- HARCOURT, Brace & World. *Adventures in American Literature*. Laureate edition. New York: 1960. v. 3.
- HASEL, Gerhard F. *Teologia do Antigo e do Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2007.
- HATCH, E. & FAIRBAIRN, A. M. *The influence of Greek ideas and usages upon the Christian Church*. Eugene: Wipf & Stock, 2003.
- HAWTHORNE, Nathaniel. *A letra escarlate*. São Paulo: Martin Claret, 2006. Original: _____. *The scarlet letter*. New York: Penguin Books, 1994.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- IPB (2005). *Resoluções da Comissão Executiva do Supremo Concílio*. CE-SC/IPB-2005- Doc. 129. Disponível em: <<http://www.executivaipb.com.br/>>. (S/d. acesso.)
- INGLEHART, Ronald. *Modernization and postmodernization: cultural, economic, and political change in 43 societies*. Princeton: Princeton University Press, 1997.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- MAGILL, Frank N. (ed.) *Masterpieces of world literature*. v. II. New York: Harper Collins Publishers, 1985.
- MARSDEN, George M. *Understanding fundamentalism and evangelicalism*. Grand Rapids: W. B. Eerdmans, 1996.
- MARTY, Martin E. & APPLEBY, R. Scott (eds.). *Fundamentalisms and society: reclaiming the sciences, the family, and education*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
- NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 1999.
- ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.
- PACKER, J. I. *Fundamentalism and the Word of God: some evangelical principles*. Grand Rapids: W. B. Eerdmans, 1988.
- PARTRIDGE, Christopher H. *Fundamentalisms*. Carlisle: Paternoster Press, 2001.
- PAYNE, Robert. *The history of Islam*. New York: Barnes and Noble Books, 1959.
- QUEIRUGA, Andrés Torres. *Fim do cristianismo pré-moderno*. São Paulo: Paulus, 2003.
- PONDÉ, Luiz Felipe. *O conhecimento na desgraça*. São Paulo: Edusp, 2004.
- REID, Daniel G. et al.. *Concise dictionary of Christianity in America*. Downers Grove, Illinois: Intervarsity Press, 1995.
- RORTY, Richard. *The linguistic turn*. Chicago: Chicago University Press, 1992.
- RUSSELL, Letty M. (ed.) *Feminist interpretation of the Bible*. Philadelphia: The Westminster Press, 1985.
- _____. *Human liberation in a feminist perspective: a theology*. Philadelphia: The Westminster Press, 1974.
- SATRAPI, Marjane. *Persépolis*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- SILVA, Eliane M. Fundamentalismo evangélico e questões de gênero: em busca de perguntas. In: SOUZA, Sandra Duarte (org.). *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p. 18.
- SORELL, Tom. *Descartes*. São Paulo: Loyola, 2004.
- SPONG, John Shelby. *Rescuing the Bible from fundamentalism: a bishop rethinks the meaning of Scripture*. San Francisco: HarperSanFrancisco, 1991.
- THE KORAN. Trad. N. J. Dawood. London: Penguin Books, 1968.
- TILLICH, Paul. *Systematic Theology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1957. v. II.
- WARRAQ, Ibn (ed.). *The origins of the Koran: classic essays on Islam's Holy Book*. Amherst: Prometheus Books, 1998.
- WINEAPPLE, Brenda. *Hawthorne: a life*. New York: Random House, 2004.